

AVALIAÇÃO DA FOTOEXPOSIÇÃO PROLONGADA E INCIDÊNCIA E CÂNCER DE PELE EM PACIENTES PARTICIPANTES DE CAMPANHA REALIZADA POR LIGA ACADÊMICA EM MORRO REDONDO - RS

**PEDRO HENRIQUE EVANGELISTA MARTINEZ¹; YARA RAFAELA MAIA²;
ALISSON LEANDRO GLITZ³; CAROLINA SILVEIRA DA SILVA⁴; KETHRIN
MAAHS KLEIN⁵; SILVIA SAUERSIG⁶**

¹*Universidade Federal de Pelotas. - Martinezevangelista.pedro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas. - yara.r.maia@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas. - Alisson.glitz@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas. - carolinasilveiradsilva@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas. - Kethrinklein232@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas- silviassig@yahoo.com*

1. INTRODUÇÃO

O câncer de pele não melanoma é a neoplasia maligna mais comum no Brasil e no mundo e com incidência crescente. A incidência para o ano de 2018 foi estimada pelo INCA em 15.750 novos casos para uma população de 100 mil habitantes. Pele clara associada a uma ocupação que exponha o indivíduo à radiação solar por períodos prolongados pode aumentar o risco de câncer de pele devido ao efeito cumulativo das lesões causadas pela radiação. Para a prevenção, cuidados com a exposição ao sol são recomendados e incluem evitar horários de maior incidência de radiação solar, além do uso constante de protetor solar com FPS superior a 15, proteção física com o uso de chapéus, óculos e roupas apropriadas.

Outrossim, o câncer de pele melanoma tem origem nos melanócitos e é mais frequente em caucasianos. A partir da estimativa do INCA (2019) para uma população de 100 mil habitantes tem-se um total de 6.260 novos casos no Brasil, sendo 2.920 homens e 3.340 mulheres. O principal fator de risco associado é predisposição genética, como a síndrome dos nevos displásicos. Existe, contudo, uma relação consistente entre exposição prolongada e repetida ao sol na infância e adolescência, mas até o presente estudo, não há evidências causais. No entanto, tal relação reforça a importância das campanhas, já que além das orientações referentes a proteção solar, a principal prevenção encontra-se na educação, identificação e diagnóstico precoce das lesões.

O objetivo deste trabalho foi avaliar a incidência do câncer de pele e hábitos de exposição ao sol e de fotoproteção de participantes de campanha contra o Câncer de Pele na cidade de Morro Redondo, um município satélite de Pelotas, onde a colonização se deu por imigrantes de origem Açoriana e Alemã (pele e olhos claros) e que, de uma forma em geral, se expõe de forma crônica e prolongada ao sol devido à base da economia local: agricultura.

2. METODOLOGIA

Estudo analítico transversal realizado por meio da aplicação de 98 questionários aos participantes da campanha de prevenção primária e secundária do câncer de pele de 2018 no município de Morro Redondo- RS. Dentre o questionário utilizado para este estudo encontrava-se as seguintes perguntas:

“Qual o principal motivo da sua exposição ao sol?” que dentre as opções expunha-se Lazer; Trabalho; Ambos e Não me exponho ao sol” e “Em quais desses horários

você costumava se expor ao sol?", da qual identificamos o tempo de exposição solar diário em horas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 98 pacientes avaliados, foram encontrados 09 carcinomas basocelulares e 04 lesões suspeitas de melanoma.

O intervalo diário de exposição solar foi de no mínimo 01 hora para 89 pacientes, 01 a 04 horas para 12 pacientes, 05 a 8 horas para 41 pacientes e 36 pacientes alegaram se expor à radiação solar por mais de 8 horas diárias. O tempo médio de exposição crônica foi de 36,8 anos. O motivo por trás da exposição foi laboral e apenas 64 pacientes alegaram fazer uso de proteção solar, mas de início recente.

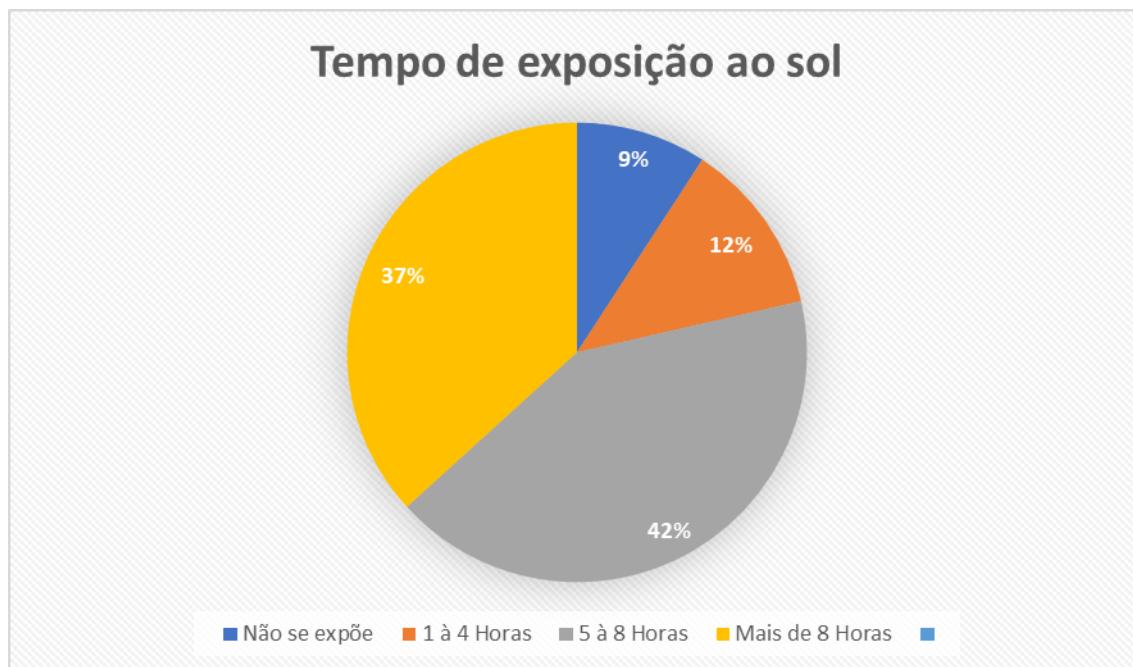


Gráfico 1: Tempo de exposição solar

A incidência de câncer de pele não melanoma na população objeto desse estudo foi de 9,2%, significativamente menor, se comparada àquela estimada para a população brasileira pelo INCA em 2018 para câncer de pele não melanoma 15,7%. Deve-se considerar, no entanto, o viés de seleção da amostragem participante deste estudo, já que esta é uma campanha que vem sendo realizada nesta região, de forma consecutiva nos últimos 5 anos, com o objetivo não somente de identificar e manejar as lesões suspeitas, mas também educar a população, o que pode ter contribuído para a redução da incidência neste público.

No entanto, não se deve perder de vista que, apesar disso, o público alvo era composto majoritariamente por pessoas de peles e olhos claros e que se expuseram de forma prolongada e repetida, sem uso ou com uso irregular de proteção solar, o que pode ter contribuído para a manutenção dos números, apesar da Campanha.

4. CONCLUSÕES

Desta forma, reforça-se a importância da educação sobre proteção na exposição solar e do diagnóstico precoce e seguimento na redução da incidência dos variados tipos de Câncer de pele melanomas e não-melanomas, para que apesar de todos os fatores de risco não ambientais implicados na etiopatogênese desta doença, a população possa se conscientizar da necessidade de proteção e cuidados com a exposição contínua ao sol.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil**. Coordenação de Prevenção e Vigilância. – Rio de Janeiro: INCA, 2017.
2. CURIEL-LEWANDROWSKI, C. Risk factors for the development of melanoma. **UpToDate**, acesso em 14 de setembro de 2019
3. INSTITUTO NACIONAL DE CANCER JOSE ALENCAR GOMES DASILVA.. **Exposição solar: Radiação Ultravioleta**. Rio de Janeiro, 2005. Acesso em: 27 jul.2019.Online. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/situacao/arquivos/causalidade_exp_solar.pdf
4. SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Análise de dados das campanhas de prevenção ao câncer da pele promovidas pela Sociedade Brasileira de Dermatologia de 1999 a 2005**. An. Bras. Desmato. [online].2006, vol.81, n.6. pp.533-539Acesso em: 27 jul. 2019,. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-0596200600600004&lng=en&nrm=iso.